

Pesquisadores Educadores ou Educadores Pesquisadores? Uma experiência de pesquisa e ação pedagógica participativa na Oficina de Choro do Colégio de Aplicação da UFRGS

Reginaldo Gil Braga; Cássio Dalbem Barth
Professor DEMUS UFRGS; Bolsista I.C. CNPq/UFRGS
rbraga@adufrgs.ufrgs.br; cassiobarth@gmail.com

Sumário:

Esta comunicação visa a discutir alguns aspectos metodológicos, inseridos na prática investigativa e educativa vinculada ao projeto de extensão universitária Oficina de Choro do Colégio de Aplicação da UFRGS, entre agosto e dezembro de 2007, período que aliamos nossa prática pedagógica na oficina ao trabalho de campo inspirado nos moldes do projeto de Samuel Araújo, “Música, Memória e Sociabilidade na Maré”, no Rio de Janeiro. Cabe esclarecer que, a partir do momento que optamos pela adoção de uma metodologia calcada em um processo participativo, novas questões relevantes para o grupo começaram a vir à tona, sugerindo inclusive novos objetivos além daqueles inicialmente propostos: abordar a questão da crise de representação instalada na pesquisa etnográfica e buscar novas abordagens de ensino negociadas, tendo o *choro* como ponto focal e, por extensão, outros gêneros musicais afins.

Palavras-Chave: Etnomusicologia Aplicada; Formação Profissional, Jovens e Músicas Urbanas

Introdução

O projeto de pesquisa “Experiência Musical de Jovens com o Choro na Cidade de Porto Alegre: um projeto etnográfico de integração entre escola e universidade” (2006) propôs, originalmente, a investigação de uma provável revitalização do gênero choro na cidade de Porto Alegre. Ao mesmo tempo em que surgiam novos espaços para a prática do gênero na cidade, verificou-se o surgimento de oficinas de formação de jovens, novas formações de grupos e a aparição de músicos que começaram a destacar-se nacionalmente.

Entre os espaços de formação de instrumentistas encontrava-se o projeto de extensão universitária “Oficina de Choro do CAp”, desde 2005 realizado no Colégio de Aplicação da UFRGS, e do qual participávamos como oficinairos. A partir de agosto de 2007, aliamos nossa prática pedagógica ao trabalho de campo inspirado nos moldes do projeto de Samuel Araújo, “Música, Memória e Sociabilidade na Maré”, no Rio de Janeiro. Então, também adotamos uma abordagem baseada na colaboração e na participação, buscando problematizar as representações dos participantes da oficina a respeito do fazer musical em torno do choro, bem como as situações sociais de ensino e de aprendizagem envolvidas nesse universo.

Então, com a inserção na Oficina do CAp de dois graduandos em música (bolsistas de extensão e pesquisa), de um professor de música do CAp e de um músico profissional, que também atuavam na cena musical de Porto Alegre, foi possível a criação de um grupo de educadores pesquisadores e pesquisadores educadores que começou a dedicar-se à pesquisa e ao planejamento e avaliação das ações pedagógicas na oficina sob a orientação do coordenador das referidas ações de extensão e pesquisa universitárias.

A formação do grupo de trabalho coincidiu com o ingresso de uma quantidade maior de frequentadores na Oficina de Choro, fruto, principalmente da parceria com projeto de oficinas de música da cidade de Cachoeirinha que passou a enviar alunos para as oficinas do Colégio, além da comunidade local, fatores que alteraram a dinâmica das oficinas realizadas até então. Conforme

discutiremos mais adiante nas estratégias de ação, esse ingresso possibilitou a realização de uma efetiva articulação da tríade basilar do ensino superior – ensino, pesquisa e extensão – sugerindo também o questionamento de como essa articulação estava acontecendo e dando subsídios a uma rica discussão em torno do tema. Além do espaço dado às atividades realizadas no Colégio de Aplicação, o grupo, paralelamente, passou a investigar os atores que compõem o universo do choro na cidade de Porto Alegre, conforme temáticas geradas pelas discussões do grupo. A extensão Oficina de Choro do CAP teve seu término em dezembro de 2007 e não foi retomada propositalmente em 2008, demarcando uma nova fase para o grupo no processo de pesquisa a partir da investigação de outros contextos performáticos e de transmissão/ circulação do gênero na cidade. Aguardamos também os desdobramentos da reorganização da Oficina que vem sendo implementada por algumas lideranças do grupo de alunos, através de iniciativa própria deles.

O Objetivo geral do projeto consistiu a princípio na investigação do encontro dos jovens com o gênero choro na cidade de Porto Alegre segundo os objetivos específicos de investigar os processos sociais de ensino e aprendizagem de choro e discutir as representações e negociações recorrentes nesses ambientes.

Cabe esclarecer que, a partir do momento que optamos pela adoção de uma metodologia calcada em um processo participativo, novas questões relevantes para o grupo começaram a vir à tona, sugerindo inclusive novos objetivos além daqueles inicialmente propostos: abordar a questão da crise de representação instalada na pesquisa etnográfica e buscar novas abordagens de ensino negociadas, tendo o choro como ponto focal e, por extensão, outros gêneros musicais afins. Em decorrência disso, a discussão sobre o processo de articulação entre pesquisa, ensino e extensão vivenciados pelo grupo veio à tona e é isso que nos propomos discutir aqui.

Grupo de trabalho e metodologia participativa

Através do contato com literatura pertinente o grupo buscou construir uma metodologia de trabalho que contemplasse, além do viés científico da construção de conhecimento (a pesquisa em si), um enfoque social e político (extensão) e um enfoque pedagógico-educativo (ensino). De acordo com Brandão (1999, p.8):

Uma das dificuldades fundamentais em uma atividade científica cujo ‘outro lado’ é constituído também por pessoas, sujeitos sociais quase sempre diferentes do pesquisador [...] é a de como tratar, pessoal e metodologicamente, uma relação antecedente de alteridade que se estabelece e que, na maioria dos casos, é a própria condição de pesquisa.

O autor esclarece que a compreensão de um grupo social, e o retorno político e social da pesquisa coletiva aos colaboradores é possibilitada somente através de uma apreensão pessoal que se detém longamente sobre a vida social total desse grupo. Assim, quando o viés interpretativo do pesquisador passa a ser o da cultura investigada, tal como expressam seus sujeitos, e não a partir da ciência do pesquisador, o que acontece é a observação participante. A partir do momento que existe “compromisso e participação com trabalho histórico e os projetos do *outro*, a quem, mais do que conhecer para explicar, a pesquisa pretende compreender para servir” (Ibidem, p. 12), começa a acontecer a participação na pesquisa.

O grupo adotou então a pesquisa participante, por concordar que a razão constitutiva da sua prática residia tanto na compreensão dos sujeitos e seus mundos quanto em um trabalho social, político e educacional. Esse tipo de pesquisa pode ser vista, considerados os diversos olhares, como um “método geral para a elaboração teórica, quer no campo da educação, quer no das ciências sociais, contribuindo com isso para a diminuição das fissuras geralmente existentes entre teoria e prática, sujeito e objeto nas práticas de investigação social e educacional” (Gajardo, 1999, p. 16). Apesar da existência de uma diversidade de modelos de pesquisa participativa, traços comuns podem ser identificados (Ibidem, p. 16):

1. explicitação de uma intencionalidade política e uma opção de trabalho junto aos grupos mais relegados da sociedade;
2. integração de investigação, educação e participação social

como momentos centrados na análise daquelas contradições que mostram com maior clareza os determinantes estruturais da realidade vivida e enfrentada como objeto de estudo; 3. incorporação dos setores populares como atores de um processo de conhecimento; 4. sustentação das atividades de investigação e ação educativa sobre uma base organizada de sorte que esta atividade não culmine em uma resposta teórica, mas na geração de propostas de ação expressadas em uma perspectiva de mudança social.

Baseado nesse forte viés político, Freire (1987, entre outros) propõe a radicalização da ação educativa e investigativa, gerando também um estilo de pesquisa alternativo integrando a questão social e educacional, o que viria a ser um dos muitos estilos de pesquisa participante. Assim, o grupo assimilou a sua prática o conceito de educação problematizadora (ou libertadora) que, ao contrário da educação bancária “[...] já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir ‘conhecimentos’ e valores aos educandos, meros pacientes [...], mas um ato cognoscente” (Ibidem, p. 39).

Pela dimensão investigativa adotamos a pesquisa participante a partir da leitura de experiências etnomusicológicas, principalmente (Araújo, 2004, 2005; Cambria, 2004; Barbosa, 2004; Impey, 2002). Por fim a escolha por procedimento etnográfico, método por excelência da prática etnomusicológica também se justificou porque

não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Estas técnicas, muitas vezes, têm que ser formuladas ou criadas para atenderem à realidade do trabalho de campo. Nesta perspectiva, o processo de pesquisa será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo(s) pesquisador(es) (Mattos, 2001).

Estratégias de ação investigativa e pedagógica

Através de dois encontros semanais, o grupo iniciou o delineamento das suas estratégias de ação através das seguintes etapas: 1) levantamento de temas, problemas e representações individuais sobre o choro e gêneros musicais afins no grupo; 2) instrumentalização teórico-metodológica dos seus integrantes para a pesquisa e o ensino e 3) prática de avaliação e planejamento enquanto professores e pesquisadores na Oficina de Choro do CAp. Os encontros das segundas-feiras, foram reservados para planejar e refletir as ações educativas e apresentações artísticas do grupo, bem como para discutir leituras, criar instrumentos de pesquisa e avaliar as interpretações. As quartas-feiras foram dedicadas às atividades docentes do grupo na oficina. As reflexões sobre essas atividades tomaram a forma de diários ou notas de campo que sempre foram trazidas para os encontros de segunda-feira.

Assim, a partir do levantamento e discussão no grupo dos seguintes temas iniciais: ensino e aprendizagem, improvisação, história e desenvolvimento do choro na cidade, deu-se início ao processo de amadurecimento ou superação de individualismos e de certos etnocentrismos na interpretação e apreciação da experiência musical alheias, práticas que “[...] demonstram o potencial de construção de um conhecimento diferenciado em relação ao construído pelo viés acadêmico” (Araújo, 1999, p. 202).

Para dar conta da segunda etapa, foram realizadas leituras e discussões de textos selecionados sobre pesquisa etnográfica (Seeger, 1980; Bauer, 2004), bem como mais direcionadas ao universo específico do choro e aos temas levantados na etapa anterior (Sandroni, 2000, entre outros). Nas oficinas, a participação, elaboração e aplicação dos instrumentos de pesquisa, tais como, as fichas de inscrição e acompanhamento e um questionário, assim como de documentação em foto, vídeo e áudio (gravações), foram orientadas no sentido de verificar as expectativas e vivências do grupo musical segundo níveis, gênero, idade, escolaridade e participação nos encontros. Foram realizadas, ainda, entrevistas com músicos e pesquisadores que mantivessem ligação estreita com o gênero, na cidade, devidamente transcritas pelo grupo. Ações que retroalimentaram a ação pedagógica da oficina e que permitiram a dialogicidade entre a literatura

acadêmica e os dados levantados pelos pesquisadores em formação através das mediações entre as vivências pessoais de pesquisadores/ educadores nativos e universitários numa abordagem participativa. Samuel Araújo (2005, p. 205) verificou que esse processo proporcionou, no projeto Música e Sociabilidade na Maré, Rio de Janeiro, o incremento das habilidades de registro, formulação e re-estruturação de categorias e ferramentas de pesquisa, igualmente observadas entre nós:

à medida que são superados os mecanismos de violência simbólica que lhes impõe visões de mundo conservadoras e a elas próprias contrárias, não apenas é modificada a atitude em relação à construção do conhecimento, dissolvendo contradições inexistentes entre o plano particular e o geral, mas é continuamente reinventada a agenda de pesquisa de temáticas significativas.

Por fim, nesses encontros a testagem da relevância de categorias e noções interpretativas acadêmicas e nativas para os jovens chorões (oficineiros e oficinandos), a partir de material empírico sobre as suas motivações e representações, trouxe ricas discussões entre a academia e as experiências dos próprios pesquisadores e frequentadores da oficina acerca do que seja o choro, dos repertórios trabalhados, entre outros tópicos.

Conclusões provisórias

Nesse primeiro ano de trabalho obtivemos resultados bastante significativos diante dos objetivos propostos, no entanto, parece-nos que o maior ganho para o grupo em formação constituído foi o de relativizar categorias pessoais e de testar estratégias perseguidas por uma “educação libertadora” (Freire, 1987) onde os oficinandos do projeto de extensão e os músicos e pesquisadores realizaram trocas baseadas em pesquisa calcada na colaboração e participação efetiva de todos os agentes envolvidos, tendo como foco a própria formação do grupo de pesquisa e suas dinâmicas.

Acreditamos que pesquisadores e colaboradores podem pesquisar juntos e com os sujeitos sem a necessidade de relegar as atividades de ensino conjugadas com a ação comunitária. Nesse sentido, essa vivência demonstrou a viabilidade de um projeto que conduza a uma verdadeira interação entre pesquisa, ensino e extensão dentro da universidade. O diferencial da nossa abordagem foi exatamente a iniciativa de uma interferência pedagógica aliada à pesquisa (assim, tivemos pesquisadores que foram educadores assim como educadores que foram também pesquisadores) - abordagem ainda pouco comum nos projetos de Etnomusicologia Aplicada, que buscou justamente romper com a distinção entre formação, seja de pesquisadores ou educadores, e produção científica e educação, integrando-as.



Roda de Choro da Oficina de Choro do CAP em 2007

Referências Bibliográficas

- Araújo, Samuel. 2005. Samba e Coexistência no Rio de Janeiro Contemporâneo: repensando a agenda da pesquisa etnomusicológica. In: ULHOA, Martha e OCHOA, Ana Maria. Música Popular na América Latina: Pontos de escuta. Porto Alegre, Ed. UFRGS.
- _____. 2004. Samba, Coexistência e Academia: questões para uma pesquisa em andamento. Disponível em <[http://www.hist.puc.cl/iaspm/rio/Anais2004%20\(PDF\)/SamuelAraujo.pdf](http://www.hist.puc.cl/iaspm/rio/Anais2004%20(PDF)/SamuelAraujo.pdf)>. Acesso: 1/ 5/ 2008.
- Bauer, Martin, et al. 2004. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. Evitando confusões. In: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. Petrópolis. Vozes. p. 17-36.
- Brandão, Carlos Rodrigues. 1999. Participar-Pesquisar. In: Repensando a pesquisa participante. São Paulo, Brasiliense.
- Barbosa, Virgínia. 2004. Empréstimos entre pesquisa etnomusicológica e experiência teatral na maré (Rio de Janeiro-RJ). Anais do II Encontro Nacional da ABET. Disponível em: <http://www.musica.ufrj.br/abet> Acesso: 12/04/2008.
- Cambria, Vincenzo. 2004. Etnomusicologia aplicada e 'pesquisa ação participativa'. Reflexões teóricas iniciais para uma experiência de pesquisa comunitária no Rio de Janeiro. Anais do V Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular. Disponível em: <www.unirio.br/mpb/iaspm/la2004/Anais2004/VincenzoCambria.pdf> Acesso: 03/2005.
- Freire, Paulo. 1987. Pedagogia do Oprimido. 11. ed. São Paulo : Paz e Terra.
- Gajardo, Marcelo. 1999. Pesquisa Participante: propostas e projetos. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). Repensando a pesquisa participante. São Paulo, Brasiliense, p.16-50.
- Impey, Angela. 2002. Culture, Conservation and Community Reconstruction: Explorations in Participatory Action Research and Advocacy Ethnomusicology in the Dukuduku Forests, Northern KwaZulu Natal. Yearbook for Traditional Musicology. vol. 34, p. 9-24.
- Mattos, Carmen Lúcia Guimarães de. 2001. A Abordagem Etnográfica na Investigação Científica. Disponível em:<<http://www.ines.org.br>. Acesso: 02/05/2008.
- Seeger, Anthony. 1980. Os índios e nós. Rio de Janeiro, Campus.
- Sandroni, Carlos. 2000. Uma Roda de Choro Concentrada: reflexões sobre o ensino de músicas populares nas escolas. In: IX Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical. Belém.